

**FIAM-FAAM - CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

Amanda Rodrigues Ramos e Silva

**O CÓDIGO DE ÉTICA NO JORNALISMO
IMPRESSO:
Análise da cobertura midiática do jornal Folha de
São Paulo sobre o caso Daniella Perez**

São Paulo
2020

Amanda Rodrigues Ramos e Silva

**O CÓDIGO DE ÉTICA NO JORNALISMO
IMPRESSO:
Análise da cobertura midiática do jornal Folha de
São Paulo sobre o caso Daniella Perez**

Reflexão teórica articulada no 7º semestre da graduação como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo do FIAM-FAAM Centro Universitário, sob orientação do Prof. Me. Gean Oliveira Gonçalves.

São Paulo
2020

Sumário

1. Introdução.....	3
2. Cobertura do jornal Folha de São Paulo sobre o assassinato de Daniella Perez.....	4
2.1. O Caso.....	4
2.1.1. Os protagonistas.....	4
2.1.2. O crime.....	5
2.2. Análise das matérias.....	6
2.3. Metodologia.....	10
2.4. Fundamentação teórica.....	11
2.5. Proposta de estrutura do trabalho.....	13
3. Considerações finais.....	14
Referências.....	15
Apêndice.....	17
Anexos.....	18

O CODIGO DE ÉTICA NO JORNALISMO IMPRESSO

Amanda Rodrigues Ramos e Silva¹

Resumo

O presente trabalho consiste em analisar o tratamento do jornal impresso Folha de São Paulo sobre o caso do homicídio da atriz Daniella Perez. Foram estudadas matérias do período de dez dias a partir do assassinato, baseando-se nos conceitos de parcialidade, criminalidade, função social do jornalista e sensacionalismo na mídia. Os resultados permitiram identificar os erros de apuração, tratamento antiético e insensível na condução de algumas reportagens e a espetacularização causada em torno do caso por meio deste jornal. Além de evidenciar o poder que a mídia possuía e porque era necessário cuidados na forma de tratar assuntos como este, o estudo também destaca a exposição excessiva da imagem da vítima e dos acusados. As argumentações neste artigo foram fundamentadas de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros vigente na época.

Palavras-chave: jornalismo impresso; ética jornalística; sensacionalismo; Daniella Perez; criminalidade e imprensa.

1. Introdução

O jornalismo brasileiro, na década de 1990, apresentava como elementos mais ressaltados a norma linguística, objetividade como narração correta dos fatos e a mínima participação do jornalista de forma opinativa. Em 1992 o jornal Folha de São Paulo lançou a terceira edição do seu *Novo Manual da Redação*. Em um de seus itens, “Engajamento”, é exigido da produção jornalística aquilo que ficou conhecido como *jornalista isento*. O tópico afirma que o envolvimento partidário torna o profissional vulnerável a paixões, parcialidade, falta de espírito crítico e também ingenuidade. O que evidencia esse tipo de comportamento como negativo para o jornalista.

O tema central deste estudo é a cobertura do jornal impresso Folha de São Paulo sobre o assassinato da atriz Daniella Perez, no ano de 1992. O caso estava inserido em um período turbulento na sociedade brasileira. A mídia se via entre noticiar a renúncia do presidente Fernando Collor de Melo e o brutal assassinato da atriz, filha da autora da novela de maior audiência da época. O jornal chegou a recolher, nas ruas, as opiniões populares sobre o crime, que muitas vezes superou o interesse público sobre a renúncia do atual presidente.

A morte de Daniella trouxe comoção e se tornou estudo em diversas áreas, por tratar-se de um caso que envolve pessoa famosa, crime brutal e por ter sido motivo da primeira iniciativa

¹ Estudante do curso de Jornalismo do Centro Universitário FIAM FAAM, no 8º semestre da graduação, na turma: 010208A18, Ana Rosa, noturno. Como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) irá realizar um projeto experimental (documentário). E-mail: rodriguesramanda@gmail.com.

popular de projeto de lei a se tornar efetiva na história do Brasil. Essa ação materializou-se na Lei nº 8.072/90, que se refere a inclusão de homicídio qualificado no rol de crimes hediondos.

Neste artigo, deseja-se trabalhar com teorias e conceitos para discutir como este jornal impresso de grande circulação tratou o tema e qual foi a narrativa adotada. O estudo se dará com base no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1985-2007), vigente na época do assassinato e com estudos sobre criminalidade e imprensa.

A grande mídia cobriu de forma excessiva os parentes, amigos e envolvidos no caso, além da intensa exposição das imagens da vítima e dos acusados. O sensacionalismo e a maneira como o jornal tratou o caso, motivaram o estudo presente neste trabalho. A narrativa que foi construída na necessidade de ter sempre uma notícia impactante o suficiente para vender o periódico, sem trazer os conceitos básicos do trabalho jornalístico, como a responsabilidade ética do jornalista com a apuração de dados.

A análise deste trabalho acontecerá no período de dez dias desde a data da morte da atriz. As hipóteses levantadas serão as manchetes sensacionalistas, a fraca apuração de dados, a falta de ética em algumas reportagens e também da imparcialidade (como imposto no manual de redação do jornal), além da perda de identidade de Daniella, que era constantemente comparada com sua última personagem, com a intensão de transformar a tragédia em um show comercial.

É necessário pensar e discutir sobre como reportagens e notícias deste tipo são lançadas na sociedade. Consiste no interesse de mostrá-las às gerações futuras do jornalismo, para que conheçam os erros, acertos e abordagens. O estudo de caso mostrará que a conduta ética se restringe ao campo teórico e quando posto em prática o que é valorizado é a popularização da notícia. A discussão sobre o papel do jornalista como influenciador e transmissor de informações, apresentada neste artigo, mostra a importância de saber o limite entre respeitar as normas essenciais da profissão e dramatizar um fato para chocar as pessoas.

2. Cobertura do jornal Folha de São Paulo sobre o assassinato de Daniella Perez

2.1. O Caso

2.1.1. Os protagonistas

Daniella Perez era uma atriz brasileira de 22 anos com a carreira em ascensão. Nasceu no Rio de Janeiro em 11 de agosto de 1970. Filha mais velha da renomada autora de novelas, Glória Perez e esposa do ator Raul Gazolla.

Muito ligada à arte, Dany (como a chamavam amigos e familiares) era atriz e dançarina. Sua primeira aparição na televisão foi na novela “*Kananga do Japão*” em 1989, na extinta TV Manchete. Em 1990 foi convidada a participar da novela “*Barriga de Aluguel*” da autoria de sua mãe, na TV Globo. Atuou em “*O Dono do Mundo*” em 1991 e em 1992 recebeu seu papel de maior destaque, na novela “*De Corpo e Alma*”, também da autoria de Glória Perez. Durante

as gravações de “*Kananga do Japão*”, Daniella conheceu seu marido Raul Gazolla. Eram um casal jovem e apaixonado, e casaram-se no ano de 1990.²

Guilherme de Pádua era um ator brasileiro, nascido em Minas Gerais e tinha 23 anos na época do assassinato. Iniciou sua carreira trabalhando como modelo fotográfico e aos 17 anos foi para o Rio de Janeiro com o elenco da peça “*Pasolini, Vida e Morte*”, em que fazia o papel do assassino do cineasta italiano. Decidiu ficar no Rio e emplacou em outras 4 peças de teatro. Fez sua primeira aparição na televisão na novela “*Mico Preto*” em 1989, mas o papel de mais destaque veio somente no ano de 1992, na novela “*De corpo e Alma*”.

Ele era casado com Paula de Almeida Thomaz, que na época era uma jovem de 19 anos, aluna do segundo ano de ensino médio de um colégio particular no Rio de Janeiro. Paula estava grávida de 4 meses quando foi a coautora no assassinato de Daniella Perez.

Guilherme estava preso desde 1993, mas foi condenado, em janeiro de 1997, a 19 anos de prisão. No entanto, saiu em liberdade condicional em 1999, após cumprir um terço da pena (seis anos e quatro meses). Em 2002 voltou para Belo Horizonte, sua cidade natal, e começou um curso de computação em uma universidade particular local. Ele casou outras duas vezes, foi convertido à religião evangélica e mais futuramente tornou-se pastor.³

Paula era muito jovem na época do crime e não conseguiu nem completar o ensino médio, ela o fez durante o encarceramento, no ano de 1994. Foi condenada a 15 anos de prisão e também saiu em liberdade condicional após 6 anos do cumprimento da pena. Ainda jovem, com 26 anos na época de sua libertação, se inscreveu em uma faculdade de administração no Rio, beneficiada pelo Programa de Acesso Direto criado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Ela ainda mora no Rio de Janeiro, está casada e assumiu novo sobrenome para não ser facilmente identificada.⁴

Na novela “*De corpo e alma*”, Yasmin (Daniella Perez) e Bira (Guilherme de Pádua) trabalhavam juntos e após muita implicância um com o outro, cederam ao romance e começaram a namorar. Ele era um jovem motorista de ônibus, com traços de personalidade bruta e grosseira, além de ser muito ciumento e ela uma jovem alegre e sonhadora. Com o tempo, Yasmin passou a se envolver com Caio (Fábio Assunção) e se apaixonou, o que a fez romper a relação com Bira. Esta foi a última cena gravada pelo casal. O desfecho das personagens se deu com a ida de Yasmin para fora do país com uma companhia de dança, seguindo o seu sonho de ser dançarina, e Bira voltando para a casa dos pais em outro estado.

2.1.2. O Crime

No dia 28 de dezembro de 1992, os atores saíram juntos dos estúdios Globo por volta das 21 horas, após gravarem a cena da separação de seus personagens. Eles foram abordados por fãs na porta da emissora, que pediram fotos e logo após a interação seguiram caminhos diferentes, cada um em seu respectivo carro.

² http://www.alemdaimaginacao.com/Obituario%20da%20Fama/Daniela%20Perez/daniela_perez.html

³ <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u43973.shtml?loggedpaywall>

⁴ https://www.terra.com.br/istoegente/32/reportagens/rep_paula.htm

Na saída de um posto de gasolina, o carro de Daniella foi fechado por Guilherme - que estava com Paula dentro do veículo - e ambos desceram do carro para discutir o “incidente”. A atriz foi surpreendida por um soco, o que a fez desmaiar. Guilherme, por sua vez, colocou-a no banco traseiro de seu carro, que passou a ser conduzido por Paula. O ator assumiu a direção do carro de Daniella e seguiu a esposa até um matagal localizado na Barra da Tijuca (RJ). Ao estacionarem os carros, o casal levou a jovem para dentro do matagal e lá lançaram 18 golpes que perfuraram o corpo de Daniella.

Após a consolidação do assassinato, o casal pagou a frentistas que lavassem bem o carro, com a intenção de fazer qualquer vestígio do crime desaparecer. Ao chegarem em casa, Paula decidiu descansar enquanto Guilherme foi fazer uma caminhada na praia de Copacabana, onde acreditava-se que ele tenha jogado a arma do crime.

No dia seguinte, a notícia da morte da atriz já circulava por toda a imprensa. Guilherme recebeu a informação por meio de uma colega de trabalho e foi com a esposa até a delegacia prestar condolências a Glória Perez e Raul Gazolla.

Testemunha chave de todo o processo, o advogado Hugo da Silveira, avistou no dia da morte dois carros suspeitos na rua próxima ao matagal, anotou suas placas e avisou a polícia imediatamente. As autoridades ligaram as placas da denúncia de Hugo com as do carro de Daniella e Guilherme. O ator chegou a adulterar a placa de seu carro, mas sem sucesso, conseguiu apenas com que a polícia concluísse que havia sido um crime premeditado. Guilherme e Paula foram presos após a confissão do crime e assim permaneceram até o dia do julgamento.

Nunca foi confirmado o real motivo para o assassinato. Foi dito que a causa seria: o fato de Guilherme ser agressivo e perigoso; o ciúme excessivo de Paula com o marido pelas cenas com Daniella, na novela; o assédio da vítima com o ator, versão que foi posteriormente negada por vários colegas de trabalho dos dois; a possibilidade de Guilherme ser bissexual; bem como a possibilidade de que o casal estava envolvido com magia negra.

Nenhuma das versões anteriores foi de fato confirmada, a explicação elaborada no julgamento foi que Guilherme estava irritado por seu personagem ter sido cortado de dois capítulos da novela e o mesmo estaria perdendo visibilidade na trama. Ele acreditava que Daniella poderia ter influenciado nisso, pois a novela era da autoria de sua mãe. E a razão para participação de Paula, seria de fato o ciúme.

Ainda se tem dúvidas sobre a arma utilizada no crime, pois a mesma nunca foi encontrada, mas a hipótese mais aceitável é de um objeto semelhante a um punhal. Existem diversas versões do caso, Guilherme acusa a ex-esposa de única responsável pelas perfurações e Paula diz que deu o primeiro golpe, mas tempo depois retratou seu depoimento. Na época, várias testemunhas apareceram, dada a grande repercussão do caso, muitas foram tidas como falsas e poucas conseguiram legitimar o ocorrido. Por fim, esta foi a versão aceita pelo juiz do caso.⁵

2.2. Análise das matérias

⁵ <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/559022479/o-assassinato-de-daniella-perez>

Daniella Perez morreu em 28/12/1992. No dia seguinte, boa parte da imprensa já havia noticiado o ocorrido, e o assassinato era uma das coisas mais comentadas nas ruas. O jornal Folha de São Paulo teve sua primeira notícia sobre o assunto publicada na edição do dia de 30/12/1992, dois dias após a realização do crime.

A chamada desta edição ocupou um pequeno quadro na capa com a foto dos atores e uma ilustração da importância de Yasmin na novela. A maior parte do jornal estava tomada pela reportagem da renúncia do presidente Collor, que ocorreu no dia anterior. A matéria sobre Daniella continuou no caderno Cotidiano com o título “*18 tesouradas matam Yasmin*”. Muitas das afirmações feitas foram posteriormente comprovadas como falsas, como a arma do crime e a ilustração apresentada como passo-a-passo do caso, o que deslegitima a veracidade dos fatos.

Comentou-se excessivamente sobre a novela, com muitas comparações deles com suas personagens. “*Eu quero o melhor pra você, Yasmin*”, é o título de uma matéria, que apresentava o diálogo final da última cena que gravaram juntos. “*A vida nunca será processada por plágio*”, é uma crônica que comparou o crime com outros assassinatos de pessoas famosas, afim de assegurar o famoso ditado “a vida imita a arte”.

Nos primeiros dias após o acontecimento, o jornal divulgou muito de seu conteúdo com foco na novela. Reportagens sobre a importância de Yasmin na trama, o desfecho das personagens, a mãe e os demais atores combatendo a dor da perda com mais trabalho, a preocupação de não denigrir a imagem de Bira por causa de Pádua e sobre o motivo por trás do assassinato ser que Guilherme havia confundido realidade com ficção.

De acordo com a pesquisadora Elisabeth Rondelli (2000), quando uma pessoa famosa morre, o efeito dramático é intensificado pela mídia. Se o morto é um artista que deixou muitas obras ou imagens, estes são tomados pela mídia de modo a se difundirem com as explicações idealizadas sobre sua própria trajetória de vida, buscando dar alguma densidade ou poesia ao relato.

O caso começou ter mais repercussão na mídia geral e a folha apresentou uma reportagem apelativa. Duas imagens tomavam mais da metade da página, que abria o caderno Cotidiano, uma com os rostos de Paula e Guilherme e a outra era o corpo de Daniella morta, exatamente da maneira que foi achado no matagal.

Se a mídia é a principal testemunha pública dos atos de violência, ela é também o lugar para onde convergem e se explicitam vários outros discursos que passam a ser por ela configurados e/ou normatizados (institucionalizados) por uma ordem narrativa própria. Devido a esta dinâmica, os meios de comunicação têm a capacidade de operarem como produtores de consenso, por agregarem e comporem vários discursos e por refletirem produções socioculturais, definições e representações sociais. [...] Nesta dinâmica de mediação pouco se afasta de certas representações e definições previamente existentes na audiência – *de modo a atrai-la, chocá-la até certos limites, reafirmar aquilo que pensa*. Mais do que uma atitude soberana e impositiva de uma certa visão de mundo, os meios – mediadores – negociam com estas diversas instâncias sociais e discursivas, de modo a produzir consensos. E é daí que decorre sua força hegemônica. (RONDELLI; ELIZABETH, 1998, p. 151).

A autora Elisabeth Rondelli (1998) comenta em sua análise que os meios de comunicação mostram para o público a violência de maneira apelativa. Eles dramatizam a cobertura do fato

violento sem a preocupação com o que isso pode causar no público. É revelado em suas pesquisas que esse tipo de atitude pode acionar sentimentos como: raiva, piedade, ódio, indignação e ansiedade nos leitores.

O objetivo principal da matéria “*Policia acha tesoura na casa de Pádua*” era informar que a possível arma do crime foi achada na moradia de Guilherme, mas tanto a manchete de capa quanto a reportagem em si, parecem dar mais importância à descoberta de uma imagem de “preto-velho” no apartamento do ator. Na tentativa de justificar a razão da mesma se tornar notícia, eles acusaram o casal, adoradores da imagem, que a idolatria por ele seria o motivo do assassinato, por ligar o fato à um ritual de magia negra.

Na cosmologia umbandista, os pretos velhos, que representam os espíritos dos velhos africanos e dos ex-escravos que trabalharam e viveram no Brasil, constituem uma das categorias espirituais do seu panteão, com perfil e caracteres bem definidos. São identificados como espíritos que trabalham na linha da direita, ou seja, trabalham para o bem, prestam auxílio aos necessitados, praticam a caridade através da palavra ou de serviços mágico-religiosos. A eles são atribuídas as seguintes qualidades: paciência, resignação, bondade, tolerância e humildade. Entre todos os seus atributos, costuma-se evidenciar a sua grande sabedoria nas questões relativas às coisas do espírito e da matéria. (SANTOS; EUFRÁZIA, 2007, p. 184).

O preconceito religioso e a falta de apuração de dados são evidentes nesta matéria. A atribuição de um ritual de magia negra à uma imagem adorada na umbanda é uma conjectura, baseado no fato de que para os religiosos, o “preto-velho” é uma representação de entidades que sofreram no passado e hoje representam seres de luz, com a função de aconselhar e ajudar as pessoas que necessitam.

Este tipo de prática jornalista vai contra o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1985-2007), vigente na época:

Art. 7º – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação. [...]

Art. 10. O jornalista não pode:

d) Concordar com a prática de perseguição ou *discriminação* por motivos sociais, políticos, *religiosos*, raciais, de sexo e de orientação sexual. (FENAJ..., 2020, online).

Para reforçar esta teoria, vale mencionar que no perfil feito sobre Guilherme, foi mencionado repetidamente que o ator participou de “espetáculos gay”, mais tarde alegaram rumores na emissora, de que Guilherme poderia ser bissexual, e que isso possibilitaria novas interpretações do crime.

A coluna “*Magia negra inclui sacrifícios humanos*” em que o jornalista, Claudio Julio Tognolli, entrevistou praticantes de magia negra e comparou este crime com outros famosos, dos quais ele supôs que foram cometidos em rituais de magia negra. Um exemplo disso, foi o trecho retirado da coluna “O ritual mais famoso de sacrifício ocorreu nos EUA, quando Charles Mason matou num ritual satânico, a atriz Sharon Tate, na década de 70.” Além dos erros na transcrição do nome, Charles Manson corretamente, e na data do ocorrido, Sharon Tate foi assassinada em 1969, década de 60, afirmar que os crimes foram ocorridos em um ritual satânico é uma inverdade. Nunca foi comprovado que as mortes ocorreram motivados por rituais, o que se sabe

é que Manson acreditava que uma guerra racial estava prestes a acontecer e que com a vitória dos negros, os membros de sua “família” governariam o resto do mundo. Como nada havia acontecido, ele convenceu o resto de seu grupo que deveriam iniciar a guerra, assassinando brancos e ricos e colocando a culpa em grupos da resistência negra, como os Panteras Negras.⁶

“*Marido da atriz tenta se jogar da janela*”, é outra coluna insensível e cheia de inverdades com a intensão de tocar o público. Nela, o jornalista, também mencionou sobre a forma física de Raul Gazolla e dos atores que, “supostamente”, o impediram de se jogar da janela. Esses são alguns exemplos de como esta mídia usou de artimanhas, mentiras e sensacionalismo, com o intuito de causar impacto e chocar a opinião pública sem ter nenhuma preocupação com a veracidade dos fatos. Na edição seguinte, foi divulgada uma entrevista do ator com esclarecimentos sobre as alegações da tentativa de suicídio serem falsas.

Apresentou-se uma crônica, com a finalidade de informar a respeito do crime e do funeral da atriz. O jornalista Roberto Ventura, se perdeu no objetivo do texto quando, fez o uso de adjetivos desnecessários e soltos ao citar a cidade do Rio de Janeiro como capital mundial do arrastão, alegou que mais de 2000 fãs pulavam sobre túmulos e destruíam lápides, sendo que, de fato fãs compareceram ao enterro, mas nenhuma outra notícia divulgada na Folha ou em outra mídia da época afirmou a baderna de fãs. Foi desrespeitoso e preconceituoso quando chamou os admiradores presentes de “bárbaros” e os demais atores de “estrelas da Globo” que estavam “desprotegidas da fúria dos fãs”, esquecendo completamente do objetivo do texto e do intuito de um funeral. O título do texto insensível é “*Tchau, Yasmin*”, em que mais uma vez, a realidade foi misturada com a ficção.

Segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros vigente no ano de 1993: “É dever do jornalista: Respeitar o direito à privacidade do cidadão.” (FENAJ..., 2020, on-line). A principal matéria do caderno Cotidiano e a foto na capa do exemplar de 04/01/1993, não respeitaram este ponto do Código. Foi mostrado, sem nenhum anonimato, o nome, sobrenome e foto do rosto de uma menina de 14 anos, que se apresentou à polícia com a alegação de ter informações sobre o crime. Testemunhas de um caso de assassinato deveriam ser protegidas, porque suas informações podem oferecer risco à suas vidas. A mídia foi negligente nesta atitude, ainda mais por se tratar de uma menor de idade.

No decorrer das reportagens, outras testemunhas foram acrescentadas ao caso e novamente a exposição aconteceu. Desta vez, além da foto, nome e sobrenome, foram informadas suas profissões, juntamente com seus trechos de falas à polícia. O advogado que denunciou a presença de carros estranhos no matagal próximo a sua casa se tornou a principal testemunha do caso, mas somente no jornal do último dia analisado, foram apresentadas informações sobre ele. O depoimento de Hugo da Silveira foi crucial para comprovar a participação de Paula no crime.

Fabiana Grilo (2012), em sua tese de mestrado, disserta sobre a importância da proteção de testemunhas em casos de terrorismo, criminalidade violenta ou altamente organizada. A autora diz que a divulgação da testemunha, pode ocasionar situações de risco como perigo para a vida, para integridade física ou psíquica, liberdade ou bens patrimoniais da testemunha. Suas pesquisas alegam que a não proteção pode originar também a perturbação de seus depoimentos

⁶ <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/07/quem-foi-charles-manson-o-lider-da-seita-que-ateorizou-os-eua-em-1969.html>

e intimidação dos mesmos, portanto é de direitos fundamentais desses indivíduos, que o Estado os proteja devidamente.

Não é de conhecimento da mídia, que no caso Daniella, alguma testemunha tenha sofrido ameaças ou perturbações, mas vai contra o código de ética e a moralidade do jornal, a divulgação destas informações que deveriam ter sido preservadas.

No dia 06/01/1993, foram publicadas matérias sobre o encaminhamento do processo, novas especulações do caso e mais uma foto do corpo de Daniella encontrado no matagal. Uma singularidade deste periódico foi a coluna “*Repercussões*”, nele a Folha foi às ruas e reuniu diversas opiniões do público sobre o caso.

Já o maquiador Serginho se irrita com as histórias que relacionam a morte de Daniela a um suposto homossexualismo de Guilherme de Pádua. “Basta acontecer um crime para a vítima ser santa e o criminoso, gay”, critica. Na academia de ginástica Heavy Duty Gym, frequentada por Raul Gazolla e Vitor Fasano, entre outros atores da Globo, a revolta é com a insinuação de que o viúvo de Daniela Perez teria envolvimento com homossexuais. “O tal do Guilherme é que é doente”, diz um aluno da academia. Uma das proprietárias da Alpharrabio, um sebo elegante em Ipanema, afirma ter ouvido que um suposto relacionamento entre Pádua e Gazolla estaria na origem do crime. Ada Di Almeida relata também já ter ouvido o depoimento de uma pessoa segura de que Paula é uma “bruxa” e organizou um “sacrifício ritual”. (STYCER, 1993, p.3).

Notícias como a morte da atriz intervêm na opinião pública e sensibilizam as pessoas. Os jornalistas têm a responsabilidade social de transmitirem a informação correta e precisa para que possam influenciar de maneira correta, ou que pelo menos se valha da verdade.

O caso teve uma importância especial para a imprensa, que a cada dia apresentava novas informações e versões. Este crédito pode ser comparado com os estudos de valores-notícia de Mauro Wolf (1999). O item “*grau e o nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento noticiável*” (p. 195), sugere que quanto mais o fato tiver envolvimento com pessoas ou instituições de elite, mais noticiável parece aos olhos do jornalista. Por se tratar de um crime que envolve pessoas famosas, por ter sido tão brutal e sem justificativa, o caso Daniella ficou eternizado na memória da população por conta da visibilidade que a mídia deu.

O que faz vender notícias é a emoção, a surpresa, mas, sobretudo o peso das informações no dia-a-dia dos cidadãos. Geralmente estes elementos são encontrados nos fatos desagradáveis, que causam impacto e quebram a rotina. Por essa razão, os atos violentos, revoluções e revoltas serão sempre notícia, na medida em que afetam a vida e os sentimentos do público. (AGUIAR; MARIA, 2007, p. 58).

Este impacto também pôde ser notado na reportagem “*Advogado viu Paula no local do crime*”, que apresentava uma ilustração do passo-a-passo do caso, baseado nas novas informações da testemunha. Foi dito na matéria que a reconstituição do caso, feita pelos delegados responsáveis, havia sido acompanhada por cerca de 200 pessoas, contando com a imprensa, que por sua vez apresentou fotos e informações que, supostamente, deveriam ser sigilosas sobre o processo de reconstituição do crime.

2.3 Metodologia

O material analisado neste artigo compreende o período de dez dias desde a morte de Daniella Perez (28/12/1992 - 07/01/1993), entre reportagens, notícias, entrevistas, crônicas e colunas referentes ao assunto, presentes no jornal impresso Folha de São Paulo. Foram considerados os gêneros apresentados nos recortes, o posicionamento de jornalistas, a tratativa com os envolvidos, fotos, linguagem utilizada entre outros.

O objetivo foi a apresentar a tratativa e discutir o comportamento do jornal com o tema proposto acima. A análise foi feita com base no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros vigente na época, trabalhos acadêmicos sobre criminalidade, ética e conduta jornalística, sensacionalismo na mídia e a função social que norteia o trabalho destes profissionais da comunicação.

A primeira etapa da pesquisa foi escolher um tema que estivesse dentro do assunto proposto para o trabalho de conclusão de curso, que se aplicasse ao âmbito jornalístico. O caso Daniella Perez gerou grande comoção nacional e mobilização da grande mídia, que ocasionou um excesso de informações, muitas vezes falsas e sensacionalistas sobre o crime.

A segunda etapa foi a escolha do período de análise e clipagem do material. Com o bombardeamento de informações e expansão do caso, ele foi o objeto de trabalho dos jornalistas durante muito tempo, mas o intervalo mais “quente” foi o inicial. E neste período foram recolhidas as propostas a serem trabalhadas, a partir da descoberta da parcialidade e do sensacionalismo presentes na maioria das matérias.

A terceira foi a busca por trabalhos acadêmicos e livros que comprovassem a minha opinião sobre a tratativa errada que o jornal teve com o caso, assim tentando comparar e justificar as minhas análises, em projetos similares ao tema e com o Código de Ética. A partir desta, foram geradas as interpretações dos resultados.

2.4. Fundamentação Teórica

Um dos motivos pelos quais este caso foi o escolhido como proposta de análise, se dá por a vítima e o assassino serem pessoas famosas e por isso a tratativa da mídia é diferente dos demais casos de homicídio. Segundo Elisabeth Rondelli (1998), as coberturas midiáticas de artistas famosos tomam como narrativa a reconstrução de sua trajetória de vida, que com a morte, passa a ser “ressignificada, dramatizada e espetacularizada para serem postas ao consumo de milhões de telespectadores”.

A autora comenta que a morte de uma pessoa pública, com a vida exemplar, é ingrediente para uma narração dramática, sensacionalista e intensiva dos jornais. Sem mencionar a superexposição nas pautas das notícias. Isso esclarece um pouco da constante comparação de Daniella com a sua personagem Yasmin, que assemelha-a com a história da mocinha e apresenta uma forma de eternizá-la à boa imagem construída na trama. “A morte promoveria o “renascimento”, isto é, constituir-se-ia no momento de (re)construção do sujeito que deixaria o seu corpo biológico para reviver como corpo representado. [...] o sujeito passa, então, a habitar a memória, o imaginário social” (RONDELLI, 1998).

Esses conceitos acrescentados ao fato de o público ter um interesse maior em notícias criminais, justificam a priorização na escolha do caso Daniella Perez. A mídia se alimenta de audiência, e

as maiores causadoras deste comportamento são as notícias extremas. Conforme Luciana Lira e Sarah Sílberman (apud OLIVEIRA, 2019 p. 6), “estudos psicológicos compreendem que a violência na mídia cumpre, de certo modo, uma função social: satisfazer e canalizar instintos violentos e catastróficos reprimidos do ser humano”. O que as autoras compreendem como a mídia ser responsável por descarregar comportamentos violentos e agressivos nas pessoas, assim como os filmes de ação. Por causa desta compreensão de estudo, fica evidente que o jornal Folha de São Paulo, redigiu suas reportagens com base em uma construção de personagens, mostrando Daniella como a vítima/heroína que tinha a vida exemplar e Guilherme de Pádua como o vilão sem escrúpulos e desalmado dos filmes de terror.

Maria Aguiar (2007), vê a imprensa como mecanismo da construção do medo, assim como construtora da realidade. A particularidade do medo é apresentada em seu livro como procedente da insegurança e do modo como a notícia afetará a rotina da população, induzidos à pensamentos agressivos, pela maneira como a mídia conduz seus noticiários criminais.

Os métodos adotados para a concepção das notícias, nesta análise, podem ser comparados aos estudos de valores-notícia concluídos por Mauro Wolf (1999). Esses valores constituem nas respostas para a seguinte pergunta “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 1999). Dentre as primícias e critérios adotados, destaca-se, neste trabalho, o grau hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável. Este tópico discorre sobre quanto mais o fato argumentar sobre pessoas famosas e/ou pessoas de elite, mais relevância e importância terá na hora de escolher o que será noticiado.

Em sua monografia, Karla Correia (2007) comenta sobre a importância da utilização séria dos critérios de noticiabilidade, tanto no tratamento quanto na visão dos fatos, para que haja um jornalismo comprometido com o seu dever. É notado nas reportagens da Folha sobre a morte da atriz, julgamentos pessoais de jornalistas, a relação com as fontes do processo criminal, conjunturas sociais e ideológicas e os princípios éticos da profissão. Este artigo se baseou no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros que estava em vigor na época do assassinato (1985-2007), e a análise mostrou que em diversos momentos, o trabalho destes jornalistas não foi de acordo com o Código.

O jornal atribuiu a imagem de preto-velho na umbanda à prática de magia negra, e que o casal matou a atriz em prol de um ritual para esta entidade, ambos contrariando o Código de Ética que diz que o jornalista não pode incentivar a discriminação por motivos religiosos. Os estudos de Eufrazia Santos (2007) explicam o significado da adoração da imagem do preto-velho na umbanda:

[...] Pretos velhos, que, no âmbito religioso, assumem o papel de conselheiros, orientadores, psicólogos, afirmando-se como entidades da palavra: “Costumo afirmar que os pretos velhos são os psicólogos das pessoas que não possuem recursos para pagar uma consulta com um profissional da área”. (Rui N. Chagas / secretário da SOUESP- Superior Órgão de Umbanda de São Paulo).

Ela alega também que o preconceito por traz da depreciação da imagem do preto-velho está associada ao racismo, a ideia de superioridade do branco sobre o negro, e com o preconceito

religioso, que foge dos padrões do cristianismo. Aspectos que não deveriam constar no trabalho jornalístico, que é baseado na transmissão correta dos fatos. Isto parte do princípio que o jornalismo se fundamenta a serviço da verdade, como a apuração de dados e sua correta divulgação, normas também definidas no Código de Ética e que faltam em várias reportagens da Folha aqui estudadas. O que é contraditório aos estudos de Flávia Biroli (2007) que apresenta em sua análise, os conceitos adotados e exigidos pelos principais jornais impressos da década de 90, entre eles a objetividade como transcrição correta dos fatos, com o mínimo possível de intervenção do jornalista.

Como retirado de outra seção do Código de Ética, “É dever do jornalista: Respeitar o direito à privacidade do cidadão” (FENAJ..., 2020, on-line). Além da norma não ser respeitada, ela vai contra o que se espera de um tratamento às testemunhas de um crime brutal, como o causado por Guilherme e Paula. Segundo os estudos de Fabiana Grilo (2012), é de conhecimento universal a importância dos relatos de uma testemunha para o entendimento e até a solução de casos de homicídio. Por tanto essas pessoas devem ser protegidas e beneficiadas pelo anonimato, por seus testemunhos poderem leva-las à uma exposição, causando perigo de lesões por meio de terceiros, envolvidos direta ou indiretamente com o acusado em questão.

Louise Oliveira (2019), afirma que o ideal é que o jornalista transmita a informação da maneira mais próxima ao real, para assim evitar achismos e histórias sem provas. Ela diz que o sensacionalismo por trás das grandes manchetes é causado pela comercialização da notícia, em que o jornal pensa apenas no lucro que vai obter com o consumo das mesmas, que induz os meios de comunicação a entregarem a matéria de forma mais dramatizada do que ela realmente é.

2.5. Proposta de estrutura do trabalho

A partir deste artigo e do referencial teórico aqui construído, pretende-se elaborar um documentário sobre o luto materno. As mães que passam pela situação de perder seus filhos, além de lidar com os sentimentos de esvaziamento, precisam reorganizar suas vidas e descobrir um novo significado de existência. O luto é um trajeto em direção a uma reconstrução do vínculo que existia e que se tornará um vínculo simbólico. Com base neste pensamento, vamos elaborar um documentário que trará como temática principal, a forma como as mães convivem o luto e o que fazem a partir dele.

Com o objetivo de amenizar a dor causada pela perda, são criadas páginas na internet de grupo de mães independentes, ou associações, ONGs com o intuito de levar solidariedade e espaços para troca de experiências com outras mães na mesma posição. Essas instituições funcionam como órgãos sociais sem fins lucrativos. Como exemplo podemos citar o grupo Mães Sem Nome, Anjos de Realengo no Rio de Janeiro, a ONG Viva Cazuza e a ONG Amada Helena. Além da premissa de utilizar essas ONGs como fontes para a produção do documentário, pretendemos também, entrevistar mães que não fazem parte de nenhum projeto social, mas que têm a sua própria maneira de superar o período de luto.

A estrutura do projeto se resume em cenas que mostram a trajetória de vida do filho, relatos referentes às mortes, a narrativa das mães sobre o rumo de suas vidas após a perda, análises de psiquiatras e psicólogos sobre o tema e o cotidiano de ONGs originadas a partir dessas tragédias. Com 15 cenas até então idealizadas, temos o objetivo de contar a história dessas

mulheres, entender o motivo da morte e como elas conseguiram lidar com eles sem o sentimento de vingança e/ou culpa e ajudar as mães que se sentem perdidas a terem um ponto de partida.

O referencial teórico deste artigo serve como orientação para compreender a retratação midiática sobre morte de pessoas famosas. Entram neste trabalho como possibilidades de fontes as mães: Glória Perez, Christiane Torloni e Maria Lúcia da Silva Araújo, que além da perda, contaram com a cobertura excessiva da mídia. Além disso, este referencial conta com estudos sobre criminalização, que é o motivo da morte de muitos jovens.

3. Considerações finais

Durante a análise foi possível notar aspectos de grandes reportagens. A Folha mostrou o impacto na sociedade da época, que se viu dividida entre a morte da atriz e a renúncia do presidente Collor, trouxe elementos vertentes do assassinato, como: que a audiência do Jornal Nacional subiu no anúncio do crime, a opinião de um psiquiatra sobre o comportamento de Pádua, a perspectiva de um médico legista sobre os golpes de tesoura e apresentou detalhes de como o corpo de Daniella reagiu até a morte. Fatos interessantes para um público que estava obcecado pelo crime, apresentou diversas opiniões e projeções do caso, ouviu o público comum e especialistas. Porém mesmo contendo esses elementos, não foi tirado o foco de um trabalho incompleto de jornalista. Houve falta de apuração, falsas alegações, falta de ética na execução da profissão, especulações e grande sensacionalismo.

Nota-se também a falta de preocupação com a gramática, em muitas matérias havia o uso incorreto da norma linguística, fato que vai contra a maioria dos manuais de redação da época, inclusive o da Folha, de acordo com o artigo de Flávia Biroli (2007). Além do erro recorrente no nome da atriz, corretamente Daniella, mas no jornal sempre reproduzido com apenas um “l”. São pequenos detalhes observados, mas esses detalhes são contraditórios ao que o jornal impunha como normas.

É possível observar um padrão que se repete nas reportagens: o massacre da mídia em cima dos acusados, a constante narrativa de tratar Daniella como Yasmin e Guilherme com Bira, fazendo do crime um espetáculo televisivo e o fato de todo tipo de informação que aparecia sobre o caso era publicada, sem a preocupação de checar a fundo os fatos.

Existe um interesse abrangente da população em notícias criminais, principalmente as de assassinatos e agressões. A mídia entende este fato como possibilidade de lucro, ou seja, quanto mais grave o crime for, maior será o interesse popular e, conseqüentemente, trará mais audiência. Estes fatos despertam o interesse do público por serem algo mais próximo da ficção do que da realidade. A Folha de São Paulo com o caso Daniella, tomou partido, fez da vítima uma heroína e do assassino um vilão de cinema que merece prisão e morte. Após a propagação das notícias, o sentimento, instigado pela mídia, que ficou na população foi de ódio. Dezenas de pessoas atiraram pedras contra Guilherme de Pádua, quando ele se apresentou à polícia. Paula Thomaz foi primeiramente detida como medida preventiva, pois as autoridades acreditavam que a mulher grávida poderia ser linchada pela população. É irrefutável que o crime foi assustador e terrível, mas é plausível pensar que essa vontade de vingança na população tenha sido provocada pela maneira como a mídia divulgou suas notícias.

Referências

AGUIAR, Maria Léa Monteiro de. **Somos todos criminosos em potencial**. Niterói: EdUFF, 2007. Disponível em: < <http://www.eduff.uff.br/ebooks/Somos-todos-criminosos-em-potencial.pdf>>.

BIROLI, Flávia. Técnicas de poder, disciplinas do olhar: aspectos da construção do "jornalismo moderno" no Brasil. **História**, v. 26, n. 2, p. 118-143. 2007. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0101-90742007000200007> >. Acesso em: 21 maio 2020.

CORREIA, Karla Marthinna Viana. **Análise de Conteúdo do Jornalismo Impresso Natalense**. 2007. 167 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

CRUZ, Carlos Gabriel Galani. **Os meios de comunicação na transformação do direito: o caso Daniella Perez**. 2018. 71 f. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Humanas) – Universidade Santo Amaro, São Paulo, 2018.

ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. Disponível em: <<https://rl.art.br/arquivos/2964377.pdf>>.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – (1985/2007)**. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2014. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf>.

GRILO, Fabiana Nunes. **Proteção de testemunhas no crime organizado**. 2012. 45 f. Tese (Pós-Graduação em Direito) - Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2012.

LEITE, Corália Thalita Viana Almeida. **Mídia e memória: do caso Daniella Perez à previsão do homicídio qualificado na lei de crimes hediondos**. 2013. 82 f. Dissertação (Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações: relações entre o ministério público e a imprensa**. 2007. 216 f. Tese (Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

NONATO, Alexandre Ferreira. **Jornalismo, história e memória: análise da cobertura jornalística do incidente na Pacheco Fernandes em Brasília no governo JK**. 2010. 170 f. Dissertação (Pós-Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

OLIVEIRA, Louise Costa Cardoso De. **A influência da mídia nas decisões dos processos criminais**. 2019. 36 f. Monografia (Bacharel em Direito) - O Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Anápolis, 2019.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico - o sensacionalismo da morte em cena. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n 1, p. 201-218, maio 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12326/14103>>.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência: práticas discursivas. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 10, n.2, p. 145-157, out. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86785/89787>>. Acesso em: 21 maio 2020.

RONZANI, Telmo Mota et al. **Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003**. 2007. 11 f. Artigo (Bacharel em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. A construção simbólica de um personagem religioso: o Preto Velho. **Revista TOMO**. Sergipe, 06 out. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/452>>. Acesso em: 21 maio 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>.

Apêndice

O projeto de TCC se trata de um documentário sobre luto materno. Com base nas minhas pesquisas, acredito ser importante ter conhecimento de outros documentários com temas similares, para que possamos ter conhecimento do produto e trazer inovação de algo não produzido até então. Por isso, separei dois documentários:

- https://www.youtube.com/watch?v=4kE1_cdn4Ko – “Quem vê minha dor!” – documentário jornalístico sobre perda perinatal.
- <https://www.youtube.com/watch?v=O5TfVU5hEOo> – “Mães Sem Nome: O Luto de Mulheres que perderam filhos.” – documentário sobre as mulheres do Instituto Mães Sem Nome.

Nosso trabalho contará com entrevistas de psicólogos e psicanalistas sobre a visão médica do trauma associado à perda do filho.

- CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a Maternidade. **Análise Psicológica**. 1998. Disponível em: < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf> >
- KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo, ed. Casa do Psicólogo, 1992.

Os tópicos citados acima são estudo dos sobre morte e maternidade por meios de uma análise psicológica.

Ao longo do ano de 2019, a BBC produziu algumas reportagens sobre o luto de mães e pais que perderam seus filhos. Selecionei as duas que mais se encaixam no nosso trabalho:

- <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48837508>
- <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47333344>

Anexos

ANEXO A – Matérias analisadas

Data da publicação	Jornalista responsável	Títulos das reportagens
30/12/1992	Marcelo Migliaccio	<i>18 golpes de tesoura matam' Yasmin'</i>
30/12/1992	Sergio Torres	<i>Marido da atriz tenta se jogar da janela</i>
30/12/1992	Folha de São Paulo	<i>Eu quero o melhor para você, Yasmin'</i>
30/12/1992	Folha de São Paulo	<i>Pádua começou a carreira como 'leopardo'</i>
30/12/1992	Sérgio Augusto	<i>A vida nunca será processada por plágio</i>
31/12/1992	Plínio Fraga	<i>Assassino de Daniela Perez é solto</i>
01/01/1993	André Siqueira e Sergio Torres	<i>Guilherme de Pádua se apresenta a polícia</i>
02/01/1993	Marcelo Migliaccio e Sergio Torres	<i>Polícia acha tesoura na casa de Pádua</i>
03/01/1993	Claudio Julio Tognolli	<i>Polícia carioca prende mulher de Pádua</i>
03/01/1993	Claudio Julio Tognolli	<i>Magia negra inclui sacrifícios humanos</i>
03/01/1993	Roberto Ventura	<i>Tchau, Yasmin</i>
04/01/1993	Francisco Santos	<i>Garota diz ter visto casal com Daniela</i>
04/01/1993	Marcelo Migliaccio	<i>"Estão inventando tanta coisa"</i>
05/01/1993	Folha de São Paulo	<i>"Mulher é ciumenta e mimada"</i>
05/01/1993	Francisco Santos e Sergio Torres	<i>Polícia diz que ciúme matou Daniela</i>
05/01/1993	Folha de São Paulo	<i>Porteiro afirma que viu casal com lençol</i>
06/01/1993	Folha de São Paulo	<i>Daniela desmaiou antes dos golpes</i>
06/01/1993	Folha de São Paulo	<i>Nova testemunha nega confissão de Paula</i>
06/01/1993	Folha de São Paulo	REPERCUSSÃO
06/01/1993	Folha de São Paulo	<i>Última aparição de Daniela será dia 19</i>
06/01/1993	Mauricio Stycer	<i>Trio de delegados disfarça dúvidas</i>
07/01/1993	Claudio Julio Tognolli e Sergio Torres	<i>Advogado viu Paula no local do crime</i>
https://acervo.folha.com.br/index.do		